

Processos de Metamorfose de uma Acadêmica do Curso de Licenciatura em Matemática

Thays Alves de Oliveira
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, taisoliveira851@gmail.com)
Adriana Barbosa de Oliveira
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, adriana.oliveira@ufms.br)

Introdução

Quando me surgiu o convite, da professora da disciplina de Prática de Ensino de Matemática IV, para produzirmos uma monografia de graduação, as primeiras angústias que me surgiram foram: “Será que eu dou conta? Escrever sobre o quê? Como vou dar conta de conciliar essas demandas?”. Devo confessar que algumas delas ainda estão presentes, nesse processo final de escrita, mas tenho obtido êxito em silenciá-las em alguns momentos.

Desenvolvimento Metodológico

Nossa primeira reunião de orientação foi para discutirmos sobre temas que poderiam nortear a produção: “Vamos lá, me conte suas angústias!”— fala da minha orientadora assim que me sentei para conversarmos. E logo de início, as aflições e reflexões sobre o curso foi o que mais surgiram, neste ato de ‘contar’. Sempre tive a curiosidade de saber, ou de tentar saber, o que acontece conosco, acadêmicos de um curso de Licenciatura em Matemática, assim que entramos na graduação e que transformação ocorre na nossa mente para que saíamos com questionamentos, argumentos e discursos contrários aos de nosso ingresso no curso. Esse foi exatamente o questionamento que sugeri como norteador na monografia: “Que metamorfose acontece com acadêmicos de um curso de Licenciatura em Matemática?”. Com isso em mente, achamos que seria interessante, inicialmente, entrevistar colegas do curso de diferentes semestres para saber se compartilhavam desse meu questionamento. Iriamos utilizar as entrevistas narrativas, com questões para orientar as falas dos entrevistados durante

os encontros, para produzir os materiais que serviriam posteriormente para analisarmos, e com base neles tecer algumas considerações e possíveis conclusões sobre a metamorfose dos alunos que iriam, talvez, participar das conversas.

Nas reuniões seguintes, discutimos as mudanças que apresentei ou que percebi nesses anos de formação, ainda não concluída. Porque além das falas dos colegas, as minhas demandas estariam presentes na monografia. Foi quando percebemos que seria mais viável e interessante trabalharmos apenas com as minhas angústias, expectativas e frustrações. Lembro de ter ficado muito eufórica com o início dessa pesquisa, não só no início, em todo o processo. Quando ela começou tomar um corpo e uma aparência de pesquisa, foi ganhando forma, eu pude me ver nela e desde então essa produção não tem sido maçante e sim, um aprendizado que pude ter quando escolhi analisar a minha caminhada, ainda não concluída, em um curso de graduação. Uma monografia, exclusivamente, sobre o processo de formação inicial de uma acadêmica. Deixamos as entrevistas narrativas de lado e começamos a pensar em narrativas (auto)biográficas. A partir do momento que batemos o martelo sobre a metodologia que iríamos utilizar, que seriam narrativas (auto)biográficas (DELORY-MOMBERGER, 2012; SOUZA, 2006; PASSEGGI, 2011) das experiências dessa acadêmica no decorrer do curso, percebi que de fato tinha iniciado o meu processo de pesquisadora em construção. Uma monografia com narrativas (auto)biográficas de uma acadêmica em formação inicial. E foi nesse caminhar que percebi que teria um lugar para expor, sem nenhuma máscara ou personagem, minhas angústias, frustrações e expectativas com o curso.

Começamos uma busca por autores que nos ajudariam a discutir, analisar e entender a metodologia que seria empregada na produção desta pesquisa e, em paralelo, eu estava no processo de escrita de minha biografia, que seria um primeiro movimento deste trabalho; um modo de entrar de vez no mundo das narrativas biográficas. Após esta primeira produção decidimos, em conjunto, que seria interessante escrever episódios (auto)biográficos que marcaram a minha caminhada, até aqui, na graduação. O objetivo de escrever esses episódios é que eles me ajudariam ressignificar algumas vivências que experienciei na minha formação, ainda não concluída. E este passou a ser o foco da pesquisa, tecer compreensões sobre os

processos de ressignificações que podem ocorrer com uma acadêmica durante a sua formação inicial em um curso de Licenciatura em Matemática.

Quando se trabalha com narrativa a insegurança de estar apenas contando uma história surge, e se faz presente em todo o processo. Hoje enxergo essas inseguranças como um filtro que aprendi a utilizar para avaliar, e quando possível melhorar os episódios que fui narrando. Porque narrar, segundo Souza (2006, p. 66) é “enunciar uma experiência particular refletida sobre a qual construímos um sentido e damos um significado.”. E com outros autores que fui lendo percebi que narrativas (auto)biográficas (DELORY-MOMBERGER, 2012; PASSEGGI, 2011), são mais que contar uma história é aprender com que se narra. As narrativas (auto)biográficas são uma maneira de se (auto)descobrir, se (auto)analisar e se (auto)compreender, pois com elas conseguimos tecer algumas compreensões sobre o ontem, com a maturidade e aprendizados que temos nos dias de hoje. Com isso eu posso dizer que utilizo e uso a narrativa para buscar uma compreensão que possa vir a ter de mim mesma.

A autobiografia é uma narração sobre a vida de um indivíduo, escrita por ele próprio, sob a forma documental, ou seja, é uma prosa, que uma pessoa real faz de sua própria existência, acentuando a vida de sua personalidade. (LIRA; PASSEGGI, 2021, p. 5)

Fazer um estudo sobre narrativa, foi um achado dentro da pesquisa que estamos produzindo. Passei e passo boa parte do meu “tempo livre” lendo este gênero literário, então trabalhar com elas dentro de uma produção acadêmica é algo que valorizo demais, e até pouco tempo atrás achava impossível. Eu consigo me enxergar em cada escrita, cada palavra, cada citação escolhida e posso dizer que esta monografia pode falar melhor sobre minhas vivências e experiências do que eu mesma. Pesquisar sobre narrativas (auto)biográficas é uma busca por referências em si mesmo, por meio das memórias.

As narrativas de si, me possibilitaram articular as experiências pelas quais passei na universidade e me ajudaram a dar um sentido a esse meu caminhar. Nos episódios que irão compor a monografia não apresentamos narrações fiéis dos acontecimentos e sim como eles foram sendo construídos por mim, quando estou analisando-os. Quando eu narro eu me reinvento e me reorganizo, porque as narrativas de si são uma maneira de se construir, se destruir e se reconstruir.

Quando minha orientadora sugeriu de escrevermos episódios que vivi no ambiente universitário, costumo dizer que no primeiro momento a minha mente ficou em branco e logo em seguida ela começou a me bombardear com memórias que vivenciei nesses anos de formação. E mais um dilema surgiu: “Quais episódios iriam compor a minha monografia?”. Uma ideia estava certa, eu não poderia escrever sobre todas elas, então como iria selecioná-las? Quais eram mais “importantes” e que não poderiam ficar de fora? Nesse meu momento de dúvidas e incertezas, minha orientadora me apresentou o livro *“Tremores: Escritos sobre experiência”* de Jorge Larrosa. Sua sugestão foi ler ele na sequência, invés de selecionar alguns capítulos que tinham mais a ver com a pesquisa. Ler Larrosa, foi como acalmar meu coração com a mão, uma experiência maravilhosa! Lembro da nossa reunião após a primeira leitura: “Como eu passei tanto tempo ser ler os textos de Larrosa?”, “Eu estou apaixonada por ele!”, “Quero esse homem na minha vida, não consigo mais viver sem...”, essas foram algumas frases ditas por mim, uma acadêmica e pesquisadora em formação que se encontra apaixonada por esse autor.

Os textos de Jorge, já me sinto um pouco íntima dele, são daqueles que você entende tudo, ou pelo menos acha que sim, uma leitura clara e sem rodeios. Talvez por isso seja tão difícil dizer sobre ele com minhas próprias palavras, ele já disse tudo! Foi ele que me disse “Você não vai escrever sobre suas vivências na faculdades e sim, sobre as experiências que viveu durante sua estadia nela.”. Os episódios que estão presentes na minha pesquisa são sobre experiências, e posso dizer que ela é composta por narrativas (auto)biográfica com experiências de uma acadêmica em um curso de Licenciatura em Matemática.

Quando pensamos em experiência, segundo Larrosa (2020), nos referimos a momentos e acontecimentos que tenham algum significado para nós e que ao revivê-los, possamos de alguma maneira aprender com eles. Porque experiência não é qualquer vivência que temos no nosso dia a dia e sim, “aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma.” (LARROSA, 2020, p. 28). Todos os episódios que estão na monografia não passaram por mim apenas, eles me marcaram de tal forma que ao lembrá-los consigo ressignificar e aprender com eles e melhorar como futura professora de Matemática. E podemos perceber que a experiência é totalmente contrária ao que estamos acostumados no nosso dia a dia, quanto mais tenho experiência mais qualificado sou.

Experiência é tudo aquilo que conseguimos produzir significado quando nos passa (LARROSA, 2020).

Discussão da Experiência

As narrativas são uma forma de organizar e escrever meus episódios e a experiência é o motivo pelo qual os escrevo. Quando trabalho com narrativas elas passam a ser a minha experiência de vida, porque quando as escrevo eu me analiso, me descubro e me reorganizo e, quando pensamos em experiência a enxergamos como uma forma de dar sentido as narrativas.

Então, pensando neste trabalho com narrativas (auto)biográficas e escritos com base em experiências, decidi começar ao contrário e organizar melhor minhas ideias. Este Relato de Experiência tem por objetivo descrever a caminhada de uma acadêmica do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em uma produção de Monografia de Graduação. Uma pesquisa que tem como base, um estudo com narrativas (auto)biográfica da discente, e com o intuito de ressignificar o seu processo de formação inicial.

Considerando então essa escrita de trás pra frente, meu objetivo com esse texto é discutir as angústias e anseios que permeiam a escrita de uma monografia de graduação e que também fazem parte da formação e/ou constituição de um futuro pesquisador.

Referências

DELORY-MOMBERGER, Ch. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. Abrahão, M. H. M. B.; Passeggi, M. C. **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica: Tomo I**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. Cap. 2, p. 71-93.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

LIRA, A. A. D.; PASSEGGI, M. C. Aprendizagens do “tornar-se”, das experiências formadoras e da visibilidade: aproximações entre autobiografias e educação. **Educar em Revista**. Curitiba, vol. 37, p. 1-19, ago./set. 2021.



SOUZA, E. C. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. **Memória e Formação de Professores**. Salvador, EDUNEB – EDIPUCRS, p. 59-74, 2006.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, vol. 27, n. 01, p. 369-386, abr. 2011.